



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v25n02/2018p183-206>

**A RETRADUÇÃO DE LEGENDAS DE ICONOGRAFIAS DE
VIAJANTES NA BRASILIANA DIGITAL: DEBRET, BIARD,
RUGENDAS E HASTREL**

**LA RETRADICTION DES LÉGENDES D'ICONOGRAPHIES DES
VOYAGEURS ÉTRANGERS POUR LA BIBLIOTHÈQUE
NUMÉRIQUE *BRASILIANA DIGITAL*: DEBRET, BIARD, RUGENDAS
ET HASTREL**

Adriana Zavaglia¹
Omotayo Itunnu Yussuf²
Caroline Gajevic Assis Vilela³

Recebimento do texto: 10/08/2018

Data de aceite: 15/09/2018

RESUMO: No presente artigo, são relatadas primeiramente algumas particularidades das pesquisas realizadas durante o desenvolvimento de projetos ligados à Biblioteca Brasileira Digital-USP e as dificuldades encontradas. O trabalho realizado em relação às obras em francês de Debret, Biard, Rugendas e Hastrel visou a oferecer condições para tornar disponível material iconográfico contido em obras antigas e raras de viajantes estrangeiros sobre o Brasil. Para tanto, foi necessário descrever minuciosamente cada uma das iconografias, retraduzir legendas e propor palavras-chave mais abrangentes, com o apoio dos paratextos das obras e de literatura especializada. Em seguida, propõe-se uma sistematização da problemática relacionada às estratégias adotadas nas retraduições com o intuito de trazer contribuições para aprimorar e otimizar ainda mais o protocolo de tradução elaborado e para desenvolver os estudos teóricos relacionados à (re)tradução de legendas de iconografias nos Estudos da Tradução, ainda incipientes.

PALAVRAS-CHAVE: Legendas; Iconografias; Viajantes.

RÉSUMÉ: Dans le présent article, nous indiquons d'abord quelques particularités des recherches effectuées lors du développement de projets liés à la Biblioteca Brasileira Digital-USP et les difficultés concernées. Les recherches menées sur les œuvres en français de Debret, Biard, Rugendas et Hastrel visaient à offrir les conditions nécessaires pour rendre disponible sur internet le matériel iconographique d'œuvres anciennes et rares de voyageurs étrangers sur le Brésil. Pour ce faire, nous avons décrit minutieusement chacune des iconographies, retraduit leurs légendes et proposé des mots-clés plus précis à l'aide des paratextes des œuvres et de la littérature spécialisée. Ensuite, nous avons proposé une systématisation de la problématique liée aux stratégies de retraduction adoptées pour contribuer au perfectionnement et à l'optimisation du protocole de traduction élaboré et pour développer les études théoriques relatives à la (re)traduction des légendes d'iconographies en Traductologie, encore à leurs débuts..

MOTS-CLÉS: retraduction, iconographie, légende, français.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da Universidade de São Paulo (USP). zavaglia@usp.br

² Bacharel em Letras (português-francês) pela Universidade de São Paulo (USP).

³ Bacharel em Letras (português-francês) pela Universidade de São Paulo (USP).





Introdução

Este trabalho descreve as atividades que desenvolvi, como colaboradora, junto a um projeto de Humanidades Digitais coordenado pela Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa (DLCV-FFLCH-USP) e a Bibliotecária Daniela Pires (USP). Com o título “Descrição de documentos iconográficos em línguas estrangeiras na Brasileira Digital: definição de uma metodologia”, o projeto foi aprovado junto a programa de fomento da universidade, com a previsão da participação de professores e alunos provindos de várias formações, dentre as quais aquelas envolvendo pesquisas na esteira do francês e dos Estudos da Tradução, caso de minha participação (de 2010 a 2014). Segundo o projeto das proponentes (SOUSA; PIRES, 2009), que aqui parafraseio, a Reitoria da Universidade de São Paulo tinha, à época, a missão de reunir cerca de 500 mil volumes entre os acervos do Instituto de Estudos Brasileiros-USP e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin⁴, doada à USP em maio de 2006. Ligado a essa missão, o projeto “Por uma Biblioteca Brasileira Digital”⁵ previa o tratamento informático dos dois acervos para fins de pesquisa geral e acadêmica.

Desde fins de 2009 até por volta de 2014, o Grupo de Pesquisas Língua Brasileira desenvolveu investigações em torno dos volumes dos referidos acervos. A equipe inicial, sempre coordenada pelas colegas

⁴ Cf. Resolução da Reitoria da Universidade de São Paulo nº 5172, de 23/12/2004, D.O.E de 24/12/2004: <http://leginf.uspnet.usp.br/resol/r5172m.htm>.

⁵ Projeto financiado pela FAPESP (07/597833R, PUNTONI, 2007 *apud* SOUSA; PIRES, 2009), do qual a Profa. Sousa participou como pesquisadora colaboradora.





anteriormente mencionadas, contou com alunos de pós-graduação e graduação em letras como colaboradores em pesquisas experimentais linguísticas e catalográficas, em torno do desafio de preparar edições filológicas que permitiriam o tratamento computacional dos textos mais antigos do acervo. Na proposta apresentada por Sousa e Pires (2009), buscavam-se alunos de letras interessados em trabalhar na área de descrição bibliográfica de documentos antigos e raros em língua estrangeira, em colaboração direta com a equipe de biblioteconomia da Brasileira. O estágio possibilitaria aos alunos um contato com a experiência prática do trabalho de catalogação e descrição e lhes ofereceria uma oportunidade de colaborar com um grande projeto de pesquisa coletivo por meio do conhecimento acadêmico específico que o curso de letras fornece.

As responsáveis buscavam, particularmente, alunos com conhecimento de latim, alemão e francês – línguas presentes em numerosas obras do acervo que aguardavam catalogação. Desse modo, sua atuação tinha como objetivo contribuir para a uniformização do catálogo de iconografias do acervo Brasileira-USP, com a tradução ou retradução de títulos, legendas e demais informações contidas nas imagens para facilitar o acesso digital por meio dos mecanismos de busca automáticos do site em construção. Para tanto, ainda parafaseando o projeto das colegas, as atividades previstas no estágio incluíam a descrição da coleção Viajantes da Brasileira Digital, em particular dos volumes em alemão, latim e francês, e a definição de uma metodologia de descrição bibliográfica de imagens digitais.

Nesse contexto, orientei, em colaboração com as referidas colegas,



três alunas: Omotayo Itunnu Yussuf, com o projeto intitulado “Tradução de legendas de documentos iconográficos em francês na Brasiliana digital” sobre *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* (1834-1839), em três volumes, de Jean-Baptiste Debret (1768-1848, Paris, França) e *Deux Années au Brésil* (1862), de Auguste François Biard (1799, Lyon – 1882, Samois-sur-Seine, França); Caroline Gajevic Assis Vilela, com o projeto “Descrição de documentos iconográficos em línguas estrangeiras na Brasiliana Digital” sobre *Rio de Janeiro ou Souvenirs du Brésil. Dessins d’après nature et Dediés à S.A.R. Madame la Princesse de Joinville par Adolphe d’Hastrel Officier d’Artillerie de Marine* (s.d., por volta de 1840), de Adolphe d’Hastrel de Rivedoux (1805, Neuwiller-lès-Saverne – 1874, Nantes, França) e *Voyage pittoresque dans le Brésil* (1827-1835, primeira edição em fascículos), de Maurice Rugendas (Johann Moritz Rugendas: 1802, Augsburg – 1858, Weilheim an der Teck, Alemanha); Rosana Maria Pereira Cimino Lobue, com o projeto “Tradução e revisão do francês para o português de legendas do século XVI para a Brasiliana Digital” sobre *Histoire d’un Voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique* (cinco edições: 1578, 1580, 1585, 1599, 1611), de Jean de Léry (1536, La Margelle, França – falecido por volta de 1613, L’Isle, Suíça).

A proposta dos três projetos era permitir o acesso a essas obras pelo tratamento digital das imagens e pela sistematização das legendas (re)traduzidas para a elaboração de metadados, que são dados sobre outros dados. No contexto das referidas pesquisas, o intuito era melhorar a qualidade das imagens, elaborar palavras-chave e descrever informações relevantes (autor, data, obra, tamanho da imagem etc.) para compor os





metadados que permitiriam encontrar, digitalmente, uma dada imagem disponível no site da biblioteca, à época ainda em construção. Assim, a partir da retradução ou tradução das legendas, incluindo correções ou atualizações, foi possível contribuir com a acessibilidade futura a cada imagem, uma vez que os resultados das pesquisas seriam mais tarde transformados em informações catalográficas publicadas no site da Brasileira Digital ou em dados de apoio para as suas ferramentas de busca.

No presente artigo, relato primeiramente algumas particularidades das pesquisas realizadas que observei durante a orientação dos projetos anteriormente citados e, em seguida, as dificuldades encontradas no andamento dos trabalhos. Finalizo o texto propondo uma sistematização da problemática relacionada às estratégias adotadas nas retraduições de duas pesquisas em particular, a de Vilela (2012) e a de Yussuf (2011), para contribuir com os Estudos da Tradução no subdomínio da (re)tradução de legendas de iconografias de obras raras, ainda incipiente.

As iconografias, suas informações periféricas e suas legendas: alguns procedimentos

No presente trabalho, entende-se “iconografia” como o conjunto de imagens de uma obra específica que compõe um álbum raro de viajante estrangeiro publicado originalmente em francês ou traduzido para essa língua, caso da obra do alemão Rugendas. Como ele, muitos artistas participaram de expedições e missões ao Brasil desde o século XVI, retratando suas paisagens, sua flora, sua fauna e seus habitantes locais, seus



costumes e culturas, e agrupando seus trabalhos em livros. Tais volumes contêm somente imagens ou imagens e textos, as quais serão aqui chamadas indistintamente de litogravuras ou gravuras, sem distinções técnicas.

A título de esclarecimento, citem-se os três álbuns de Debret, que contêm gravuras e textos. O primeiro deles, por exemplo, inicia-se com uma carta aos membros da Academia de Belas Artes da França e divide-se em introdução (p.i-xvi) e seções temáticas (floresta, índios, caboclos, costumes, objetos etc.). A primeira delas, *Forêts vierges du Brésil*, abre-se com um texto introdutório ao tema, segue com outros seis pequenos textos explicativos sobre cada uma das gravuras, intitulados *Planche 1 a 6*, e em seguida apresenta as seis pranchas. O volume encerra, no total, 36 pranchas, além de um mapa do Brasil. Seus textos foram redigidos especialmente para os leitores do autor – seus contemporâneos franceses – e por isso trazem detalhes que caracterizam o ser ou objeto representado para além da gravura⁶. Tais textos foram essenciais para as retraduições e o armazenamento de dados de cada imagem.

Assim, cada uma das gravuras de cada obra foi tratada computacionalmente por cada participante, após treinamento, com o auxílio de softwares e computadores disponibilizados pelo projeto Brasileira Digital e, no caso do francês, pelo Centre de Documentation da Área de Francês do DLM – FFLCH – USP. Tendo sido realizada essa etapa, seguiram-se a coleta de dados técnicos, o levantamento bibliográfico

⁶ Ver, particularmente, a página 56 do primeiro volume de *Voyage pittoresque et historique au Brésil* de Debret sobre os arcos e as flechas: <https://digital.bbm.usp.br/view/?4500008515&bbm/3813#page/114/mode/2up>.



referente à obra e ao autor em estudo, a tradução ou retradução das legendas e a elaboração de metadados, incluindo as palavras-chave, apoiada no estudo e na análise de textos e paratextos da obra quando necessário.

Em Vilela (2012)⁷, é possível entender como foi também realizada a coleta de dados técnicos. Na maioria dos casos, a prancha continha inscrições informativas em suas margens. Essas informações periféricas foram transcritas da seguinte maneira:

Figura 1: *Vue de Rio de Janeiro prise près de l'Église de Notre Dame de la Gloire* (Rugendas, 1835)



Fonte: Vilela (2012)

Nos cantos superiores esquerdo e direito, leem-se, respectivamente *1^{re} Div.* e *Pl. 9*; no canto inferior esquerdo, *Dess. d'ap. nat. par Rugendas*;

⁷ Bolsista PIBIC-FFLCH-USP. Em seu trabalho, a aluna trabalhou com 12 (doze) legendas da obra de Hastrel (s.d.) e 99 (noventa e nove) da obra de Rugendas (1827-1835).



no meio, *Lith. de Engelmann rue du faub. Montmartre N.º6*; no canto inferior direito, *Bichebois del: fig. par V. Adam*. Tais referências auxiliam na identificação do gravador (no caso em pauta: A. Bichebois; V. Adam), da casa impressora (Engelmann & Cie.) e, dentre outros, do local de produção (Europa - França - Ilha de França – Paris). Em destaque na gravura, consta a legenda: *Vue de Rio-Janeiro, prise près de l'Eglise de Notre-Dame de la Gloire*. Essas informações periféricas transformam-se, no site da Brasiliana Digital (atualmente Brasiliana Iconográfica), em dados sobre cada uma das pranchas para fins catalográficos e de pesquisas futuras. No site, aparecem da seguinte maneira⁸:

OBRAS/GRAVURA: *Vue de Rio-Janeiro prise près de l'Eglise de Notre-Dame de la Gloire*

TÍTULO ALTERNATIVO: Vista do Rio de Janeiro tomada nas proximidades da Igreja da Glória

DATA DE PUBLICAÇÃO: 1827-1835

DESENHISTA: Johann Moritz Rugendas

GRAVADOR: Louis-Philippe-Alphonse Bichebois, Victor Vicent Adam

ASSUNTOS: Paisagem Urbana, Escravidão; Cena de costumes

LOCAL RETRATADO: Região Sudeste, Rio de Janeiro

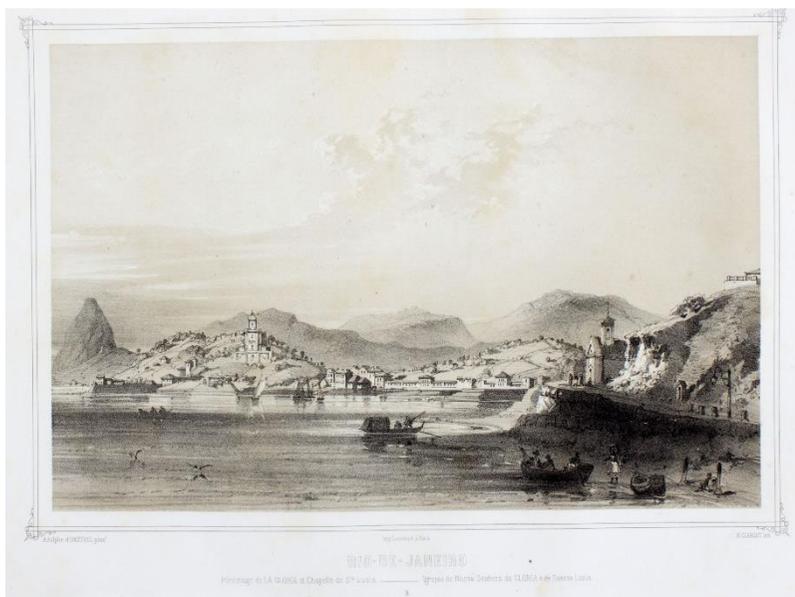
Algumas obras, como a de Hastrel (s.d.), que contém 12 pranchas

⁸ Cf. <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/19192/vue-de-rio-janeiro-prise-pres-de-leglise-de-notre-dame-de-la-gloire>.



com paisagens do Rio de Janeiro, já possuíam legendas bilíngues, como se vê na figura 2:

Figura 2: RIO DE JANEIRO - Pélerinage de LA GLORIA et Chapelle de S^{ta} Luzia – Igrejas de Nossa Senhora da Glória e de Santa Luzia



Fonte: Vilela (2012)

Nesses casos, o procedimento seguiu, inicialmente, etapas simples: contraste entre original e tradução, consulta a dicionários monolíngues e bilíngues e dicionários temáticos para comparar definições e equivalentes, identificação de problemas, resolução de problemas pelo estudo de sites e literatura especializada e retradução quando necessário⁹. Em especial, a

⁹ Algumas das obras consultadas: AZEVEDO, D. *Grande Dicionário Francês/Português*. 10ª ed. Venda Nova: Bertrand Editora, 1988. BURTIN-VINHOLES, S. *Dicionário Francês-Português/Português-Francês*. 39ª ed. São Paulo: Globo, 1999. HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Um dos sites



verificação dos topônimos demandou a consulta a guias de viagem, atlas e referências sobre igrejas barrocas do Rio de Janeiro e sobre o Rio de Janeiro colonial¹⁰.

Após a análise das legendas, a consulta aos dicionários foi organizada por meio de uma tabela, como os excertos que mostramos em seguida, a título de ilustração, referentes a *rade* e *mouillage*:

Tabela 1: *Mouillage* traduzido por “porto” (Vilela, 2012)

Definição em francês	Dicionário bilíngue	Definição em português	Retradução
TLF : 1. <i>MARINE</i> a) <i>Mouillage d'une ancre.</i> Action de mouiller une ancre. Synon. <i>ancrage</i> MR : >mouiller : En marine. Mettre à l'eau. <i>Mouiller l'ancre</i> → ancrer . Mouillage : action de mettre à l'eau. <i>Mouillage des ancres.</i>	1 – Mar. Ancoradouro, ancoragem, sítio próprio para ancorar; surgidoiro. 2 – (mar.) ancoradouro, ancoragem	<u>Ancoradouro: s.m.</u> Lugar próprio para a ancoragem de navios ou outras embarcações; ancoragem, fundeadouro.	Ancoradouro

consultados: <http://www.lexilogos.com/>; [http://www.defense.gouv.fr/marine](http://www.defense.gouv.fr/marine;); <http://www.mar.mil.br/>.

¹⁰ Algumas das obras consultadas: CARDOSO, A. *Toponímia brasílica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. CARVALHO, B. de A. *Igrejas barrôcas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. IPANEMA, R. M. de. (Org.). *D. João e a cidade do Rio de Janeiro 1808-2008*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, 2008. PARENTE, J.I.; CHIAVARI, M.P. *Guia das Igrejas Históricas da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: s.n., 1997. SILVA, J. R. da. *Denominações indígenas na toponímia carioca*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Brasileira, 1966. ÍNDICE dos topônimos da Carta do Brasil ao milionésimo / Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, Fundação IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia, Departamento de Cartografia. Rio de Janeiro: O Instituto, 1971.





Tabela 2: *Rade* traduzido por “porto” (Vilela, 2012)

Definição em francês	Dicionário bilíngue	Definição em português	Retradução
TLF : MAR. Bassin naturel ou artificiel de vastes dimensions, ayant une issue vers la mer, où les navires trouvent un bon mouillage Micro Robert : 1. Grand bassin naturel ou artificiel, ayant une issue vers la mer et où les navires peuvent mouiller. <i>La flotte est en rade à Toulon.</i>	1 – Mar. Enseada, baía, ancoradoiro, calheta 2 – (mar.) Baía, ancoradouro, enseada.	Baía : s.f. 1. FISGR. num trecho do litoral, qualquer recôncavo em que se possa aportar. 2. p. ext. FISGRB lagoa em comunicação com um rio através de um canal. 3. canal para drenagem de pântanos. 4. grande sinuosidade numa costa, por onde penetra o mar [a baía é maior do que a enseada e menor do que o golfo]. 4.1. Porto mais largo no interior do que na entrada. Enseada: s.f. 1. pequena baía ou recôncavo na costa de mar, lago ou rio, que serve de porto a embarcações; <i>angra</i> . 2B acesso a campo alagadiço. 3PA (Marajó) terreno cercado de mato, entre dois igarapés ou em curva de rio. 4GO margem sombria de rio, córrego, etc. ANGRA: FISGR. Pequena baía ou enseada, geralmente com ampla abertura e junto a costas elevadas.	angra ou porto

Como se vê nas tabelas 1 e 2, há dois termos diferentes em francês, *mouillage* e *rade*, traduzidos por um só em português, “porto”, na tradução já existente em Hastrel (s.d.). No entanto, feitas as pesquisas, observou-se que o termo *mouillage* aproximava-se mais de ancoradouro, ao passo que *rade* estaria mais próximo de angra, ou mesmo de porto, que remete a *port* em francês. Desse modo, foram propostas as retraduições que aparecem nas



tabelas anteriores: angra ou porto para *rade* e ancoradouro para *mouillage*. Tais diferenciações são importantes para a constituição dos metatados de cada gravura, uma vez que poderão permitir uma busca automática mais eficaz.

Na verificação dos topônimos, deu-se especial atenção aos nomes das igrejas retratadas nas imagens. Em um dos casos de Hastrel (s.d.), por exemplo, a legenda traduzida aparece como “Igreja da Lapa e Convento de Sancta Thérèza”:

Figura 3: Rio de Janeiro – *Église de Lapa et Couvent de S^{te} Thérèse près le Jardin public*



Fonte: <http://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/19430/rio-de-janeiro-eglise-de-lapa-et-couvent-de-ste-therese-pres-le-jardin-public>

Após consulta ao Guia das Igrejas Históricas da Cidade do Rio de Janeiro (PARENTE; CHIAVARI, 1997, p. 43), verificou-se a existência de uma Igreja e de um Convento de Santa Teresa, mas não a da Igreja da Lapa. Ainda observou-se que o Convento de Santa Teresa situava-se, no século XVI, na Chácara da Bica, tendo sido transferido mais tarde para o local atual. Já as igrejas de Nossa Senhora da Glória e de Santa Luzia, topônimos



que aparecem em outras legendas assim traduzidos, conservam-se no mesmo local retratado pelo viajante. No entanto, o nome completo da primeira é, atualmente, Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Na pesquisa referente à Igreja de Santa Luzia, por sua vez, descobriu-se que o Morro do Castelo, também retratado por Hastrel, sofreu desmonte, o que fez com que a Igreja perdesse a paisagem do entorno, incluindo uma praia¹¹. Esse dado foi importante, pois nos levou à decisão de manter o topônimo como registro histórico, já que, a partir dos aterros cariocas do século XX, o morro não se manteve e deu lugar a outras edificações.

As retraduições das legendas: alguns exemplos

No caso dos três volumes de Debret (1834-1839), o trabalho de Yussuf (2011)¹² consistiu em revisar as traduções de 100 legendas já existentes em português¹³ e propor retraduições conforme necessário, sempre visando à produção de metadados robustos. Em algumas circunstâncias, os textos da obra que se associavam a cada litografia auxiliaram no processo. No caso de *Deux Années au Brésil* (1862), de Auguste François Biard, foram retraduzidas 183 legendas por Yussuf (2011). Nestas não foram detectados erros de tradução e as dificuldades também foram bem menores se comparadas àquelas referentes aos três volumes de Debret. Ressalte-se que, no decorrer da pesquisa relacionada ao

¹¹ Para mais detalhes a esse respeito, cf. <http://rio-curioso.blogspot.com/2008/03/igreja-de-santa-luzia.html>

¹² Bolsista do Programa Aprender com Cultura e Extensão-USP (2010-2011).

¹³ Tais traduções estavam disponíveis, à época, no site da Biblioteca Nacional: <https://bndigital.bn.gov.br/>.



álbum de Biard, a aluna já estava familiarizada com as estratégias utilizadas no trabalho anterior. Em geral, foram feitas pesquisas para verificar a atualidade dos topônimos, como na legenda *Montagne de la Tijouka, vue de la route de Saint-Christophe*, “Morro da Tijuca, visto da Estrada de São Cristóvão” (hoje Rua de São Cristóvão)¹⁴ ou de termos de áreas especializadas, como é o caso de *défrichement*, do domínio da agricultura, traduzido em todas as legendas em que aparece por “arroteamento”, mantido em duas legendas e retraduzido em uma delas por clareira¹⁵. Notou-se também a presença de decalques do português nas legendas de Biard em francês, como Santarem/ “Santarém”, *La ville de Praynal* “A aldeia de Prainha”, *souroucoucoul* “surucucu” e, entre outros, *sangouassou* “sanguaçu”, o que mereceu igualmente destaque nos relatórios referentes a cada prancha.

Voltando a Debret, foram sugeridas, na maior parte das vezes, palavras-chave mais variadas para cada gravura e uma retradução no processo de revisão das legendas já traduzidas, como por exemplo, *Forêt vierge: les bords du Parahiba*¹⁶ (legenda original), “Floresta virgem: as bordas do Paraíba” (tradução disponível no site da Biblioteca Nacional à época) e Floresta virgem: às margens do Paraíba (retradução após revisão). Nesse caso, *les bords* foi retraduzido por “às margens”, mais coerente com a gravura, e palavras-chave mais elucidativas, baseadas no texto referente à prancha cuja imagem mostra um grupo de pessoas (índios e brancos)

¹⁴ V. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3303>

¹⁵ V. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3174>

¹⁶ V. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3670>

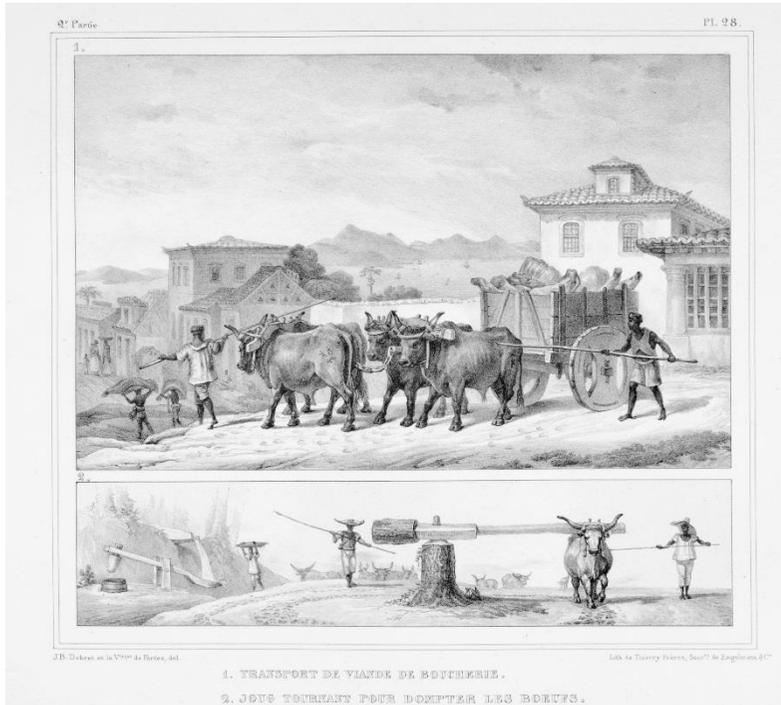




atravessando o rio sobre um tronco que faz as vezes de ponte, foram sugeridas, uma vez que o contexto da ilustração retrata as cheias, a corrente do rio que arrasta as árvores e o entorno da paisagem. Outras traduções igualmente literais do francês foram retraduzidas de forma a revelar com mais discernimento as circunstâncias retratadas. Esta foi a situação da legenda “Famille de Botocoudos en marche”¹⁷ cuja tradução “em marcha” para *en marche* remetia a um exercício militar, ao passo que a imagem e o texto sugeriam índios “caminhando” ou “passeando”. Nessa mesma lógica, outras retraduzções foram propostas (traduções entre aspas, retraduzções após travessão): *castes* / “castas” – tribos, *suite* / “continuação” – sequência ou conjunto, *habitation* / “residência” – morada, habitação. Observe-se, para ilustrar a relação íntima entre imagem e texto na tradução de legendas de litografias, caso no qual se incluem todos os exemplos citados neste parágrafo, a seguinte prancha:

Figura 4: *Transport de viande de boucherie. Joug tournant pour dompter les boeufs*

¹⁷ V. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3687>



Fonte: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3734>

Como se vê na Figura 4, há duas imagens: a de cima mostra em destaque homens negros conduzindo um carro de boi cuja carreta transporta carne de animal abatido ainda no osso e, a de baixo, dois negros amansando touro com canga em doma rotativa. Na legenda em português, *viande de boucherie* aparece traduzido de forma equivocada por “gado de corte”, já que a litografia não representa uma boiada. Desse modo, foi proposta a retradução “carne bovina para consumo”. No site, a tradução final escolhida pela equipe foi “Transporte de carne para açougue. Jugo para domesticar bois” e as palavras-chave, “Iconografia – Séc. XIX – Brasil; Brasil (Vida cotidiana) – Séc. XIX; Escravidão – Séc. XIX – Brasil; Carnes – Séc. XIX – Brasil; Carro de bois – Séc. XIX – Brasil, Brasil (Descrição e viagens) –



Séc. XIX; Transportes – Séc. XIX – Brasil”. Mais casos similares de erro cuja origem reside em tradução realizada sem levar em conta a imagem serão comentados adiante.

Em outras legendas, percebeu-se a existência de variação gráfica, sobretudo em relação a nomes de tribos indígenas, com variantes tanto no original quanto na tradução. Embora possa parecer um problema simples, em termos computacionais é algo significativo, demandando tratamento. Como essas variantes eram reconhecidas em português, a estratégia foi normalizá-las na retradução pela forma mais frequente nas pesquisas realizadas, como na variação entre plural e singular na designação de grupos étnicos, como “índios Charruas” e “índios Charrua”, e a variação consonantal, como “índios Buris” e “índios Puris”, os quais foram resolvidos pela forma singular e pelo uso do –p, respectivamente.

Pensando igualmente em facilitar as buscas ou consultas do usuário do site – especialista, pesquisador ou curioso, foi dada atenção a questões diacrônicas, principalmente com a atualização de nomes de animais (*tigre*/"tigre", atualizado na retradução por *onça*) e topônimos (*rocher dos arvoredos*/"Rochedo dos Arvoredos" e *camp de Sta. Anna*/"campo de Santa Ana", retraduzidos por Ilha do Arvoredo e Campo de Santana, respectivamente). Nesse mesmo caminho, foram propostas atualizações para a grafia ou a designação do francês, como *aldea* – *aldée* (aldeia), *coëffures* – *coiffures* (penteados), *ruda* – *rue* (arruda) e decalques como *sestes* – *corbeilles* (cestos).

Além disso, a questão cultural foi levada em consideração, uma vez



que a tradução de termos específicos em francês, dada por genéricos em português, evacuava a preocupação do ilustrador, tal como observamos nos textos, em indicar traços específicos materiais, sociais, ecológicos ou religiosos. *Roseau éventail*, por exemplo, refere-se a uma planta específica em termos botânicos, com variadas possibilidades de tradução (papiro, taquara, taquari, taboca, capim-dos-pampas, cana-do-rio); no entanto, havia sido traduzido por “plantas aquáticas”. O mesmo ocorreu com *peuplade*, traduzido por “tribo” e retraduzido por “nômades” para evidenciar a característica daquela tribo em particular. Outro aspecto ponderado diz respeito às legendas do original que privilegiavam certa representação simbólica captada pelo traço do ilustrador e que vêm moduladas na tradução. É o caso de *Homme*, traduzido por “Índio” e retraduzido por Homem, e de *Maquignons Paulistes*, traduzido por “Negociantes Paulistas” e retraduzido por Negociantes paulistas de cavalos.

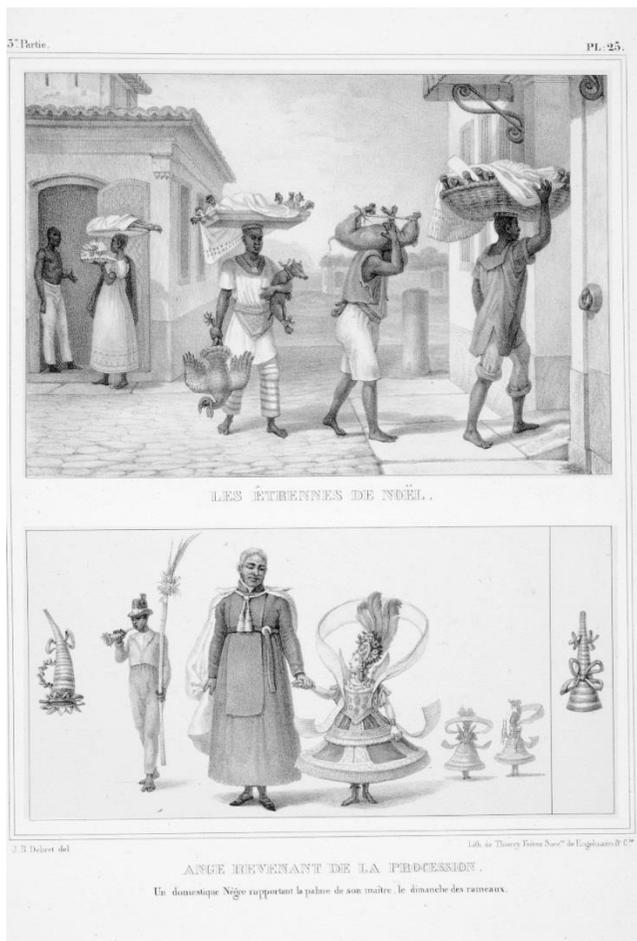
Em destaque, observaram-se alguns erros de tradução: *rame*, traduzido por “estaca”, foi retraduzido por remo, já que na imagem correspondente à legenda o objeto *rame*, embora pareça uma “estaca”, é de fato um remo, como revela o texto explicativo que acompanha a prancha. Já *Vases faits en terre cuite*, traduzido por “Potes de madeira” foi corrigido na retradução: Potes de terracota. Desses casos, destacam-se aqueles que mais caracterizam o fato na conjunção da imagem com o texto:

Figura 4: *Les étrennes de Noël / Ange revenant de la procession – Um domestique nègre*





rapportant la palme de son maître le dimanche des rameaux



Fonte: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/3197/1/006245-3_IMGEM_116.jpg

O primeiro caso de equívoco é perceptível em “Presentes de Natal”, tradução de *Les étrennes de Noël*, mais uma vez resolvido pela consulta à imagem, que mostra negros carregando alimentos para dentro de uma habitação; desse modo, optou-se por Preparativos de Natal na retradução. A legenda *Ange revenant de la procession. Um domestique nègre rapportant*



la palme de son maître le dimanche des rameaux, traduzida por “Negro doméstico segurando a mão de seu mestre” foi reformulada de acordo com a imagem e seu contexto (Domingo de Ramos), na qual sequer aparece o mestre, tendo sido retraduzida por: Doméstico negro trazendo a palma de seu mestre. Trata-se de um falso cognato, uma vez que *palme* (palma, ramo) designa a planta, e não a palma da mão (*paume*, em francês).

Considerações finais: algumas estratégias consensuais sobre as retraduições

Nos Estudos da Tradução, há dois entendimentos sobre o que vem a ser “retradução”. Um deles a entende como a segunda tradução num dado idioma realizada após tradução já existente nesse mesmo idioma; o outro, como a segunda tradução em dada língua independentemente da língua para a qual foi traduzida a obra pela primeira vez. É com a segunda concepção que se alinha este trabalho, em particular na esteira de Berman (1990, p.1), que define retradução como “toda tradução feita depois da primeira tradução de uma obra”. Nesse mesmo texto, o autor delinea uma “hipótese da retradução”¹⁸ em torno do conceito de “etnocentrismo”, postulando que as traduções seriam sempre mais etnocêntricas que as retraduições. Estas, por sua vez, teriam lugar na curva decrescente da vitalidade daquelas, que envelhecem e caducam, e, ao mesmo tempo, se beneficiariam do terreno anteriormente preparado, mesmo que de espírito nacionalista, para

¹⁸ A “hipótese da retradução” de Berman (1990) foi reformulada explicitamente, de forma a defini-la, por Gambier (1994, p. 414).



introduzir novas maneiras, mais estrangeiras, de ler o original em outra língua. Pode-se dizer que, a partir dos exemplos ilustrativos anteriormente comentados, as retraduições realizadas são menos etnocêntricas que as primeiras traduções, levando em consideração a visão do estrangeiro sobre o Brasil, a natureza do objeto, as informações periféricas, os paratextos, a lexicologia histórica (toponímia e ortografia), as terminologias e as relações entre imagem e texto.

Como visto, as retraduições das legendas de cada obra, por serem do século XIX, trouxeram desafios diferentes em termos culturais e históricos. Vale notar que a maior parte dos trabalhos nos Estudos da Tradução que se dedica às legendas, no contexto atual da multimodalidade, concentra-se notadamente em objetos como filmes e seriados televisivos, como se pode perceber nos trabalhos de Franco e Santiago (2011) e Gambier (1996). Mais recentemente, o estudo sobre a tradução de legendas de videogames vem ganhando espaço¹⁹. Porém, as legendas de álbuns de iconografias, assim como as de páginas da web, fotografias, publicidade ou peças de teatro, entre outros, dispõem de menos ou nenhum estudo, ainda que estas últimas tenham alcançado algum prestígio²⁰. Desse modo, sem quaisquer presunções teóricas, assume-se apenas que a retradução de legendas de iconografias é um trabalho de natureza intersemiótica (Jakobson,

¹⁹ Sobre tradução de legendas de videogames, v. dissertação de mestrado de Souza (2015) em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-03122015-131933/pt-br.php> e o trabalho de Camargo (2013) em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/59363>.

²⁰ Sobre tradução e legendas de publicidade, v. Ferreira (2015): http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/7756/1/DM_Priscila%20Ferreira_2015.pdf e sobre tradução e legendas de teatro, v. Skantze (2011): <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/19069/19069.PDFXXvmi->.



2001[1959]), uma vez que a tradução interlingual apoia-se em objeto não verbal e dele não pode prescindir.

Em 2010, no início do desenvolvimento dos trabalhos ligados ao projeto principal de Sousa e Pires (2009), foi definido um protocolo inicial de estratégias tradutórias, incluindo: relação entre legenda e litogravura para as (re)traduções (relação imagem-texto), consulta a vocabulários especializados e a especialistas para a tradução de terminologias (como, por exemplo, termos da Botânica ou da História), inclusão de notas dirigidas aos metadados para lexias de significação complexa (como, por exemplo, “porte-cochère”) e uniformização de possíveis variantes (sobretudo ortográficas ou gráficas). Ao longo das pesquisas, a esse protocolo foram acrescentadas outras estratégias: atualizar vocábulos (obrigatoriedade de registrar a tradução datada – denominações do português da época, exemplo: “tigre” – e a tradução atualizada – denominações do português atual, exemplo: “onça”), evitar genéricos (incluir termo da área especializada em português – consultar vocabulários do domínio especializado e/ou fazer consultas a especialistas da própria USP), evitar empréstimos e privilegiar tradução com tendência não etnocêntrica (colocar em relevo a visão do autor-viajante).

O trabalho realizado em relação às obras citadas visou a oferecer condições para tornar disponível material iconográfico contido em obras antigas e raras de viajantes estrangeiros sobre o Brasil por meio de banco de dados de imagens e metadados do acervo da Biblioteca Brasileira Digital. Como visto, para disponibilizar essas informações, foi necessário descrever minuciosamente cada uma das iconografias, retraduzir legendas





e propor palavras-chave mais abrangentes, com o apoio dos paratextos das obras e de literatura especializada. Espera-se que os resultados aqui relatados possam trazer contribuições para aprimorar e otimizar ainda mais o protocolo de tradução elaborado e para desenvolver os estudos teóricos relacionados à (re)tradução de legendas de iconografias nos Estudos da Tradução.

Referências

- BERMAN, A. La retraduction comme espace de la traduction, *Palimpsestes*, n.4, 1990, p. 1-7.
- BIARD, A.F. (1862). *Deux Années au Brésil*. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/>. Acesso em: 14/09/2018.
- DEBRET, J. (1834-1839). *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou Séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement, époques de l'avènement et de l'abdication de S. M. D. Pedro Ier. Fondateur de l'empire brésilien*. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/>. Acesso em: 14/09/2018.
- FRANCO, E. P. C.; ARAÚJO, V.S. Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV). *Tradução em Revista*, n.11, 2011/2, p. 1-23.
- GAMBIER, Y. La retraduction, retour et détour. *Meta*, v. 39, n. 3, 1994, p. 413-417.
- GAMBIER, Y. La traduction audiovisuelle un genre nouveau? In: ____ (Ed.). *Les transferts linguistiques dans les médias audiovisuels*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1996. p.7-12



HASTREL, A. (s.d.). *Rio de Janeiro ou Souvenirs du Brésil, Dessins d'après nature et Dedié a S.A.R. Madame la Princesse de Joinville par Adolphe d'Hastrel Officier d'Artillerie de Marine*. Disponível em : <https://www.brasilianaiconografica.art.br/>. Acesso em : 14/09/2018.

JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: _____. *Lingüística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2001 [1959]. p.63-72.

RUGENDAS, M. (1835) *Voyage pittoresque dans le Brésil*. Traduzido do alemão por Sr. de Colbery. Disponível em : <https://www.brasilianaiconografica.art.br/>. Acesso em : 14/09/2018.

SOUSA, M. C. P.; PIRES, D. Descrição de documentos iconográficos em línguas estrangeiras na Brasiliana Digital: definição de uma metodologia. 2009. (Programa Ensinar com Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, projeto manuscrito).

VILELA, C. G. A. Descrição de documentos iconográficos em línguas estrangeiras na Brasiliana Digital. 2012. Relatório Final de Iniciação Científica. (Bolsa: PIBIC/CNPq-FFLCH-USP, manuscrito).

YUSSUF, I. O. Tradução de legendas de documentos iconográficos em francês na Brasiliana digital. 2011. Relatório Final de Iniciação Científica. (Bolsa: Aprender com Cultura e Extensão-FFLCH-USP, manuscrito).

Este texto é de responsabilidade de seu (s) autor (es).

